

AS AVÓS

Foi um choque que é impossível de descrever. Estavam comigo, na sala de partos, três colegas que ainda tentaram enganar-me, dizendo que, naquele momento, não era possível nem recomendável fazer diagnósticos. Mas pouco depois, uma das minhas colegas (com quem viria a trabalhar, na Unidade de Desenvolvimento do Serviço de Pediatria do Hospital de Santa Maria), vendo-me muito ansioso e agitado, aproximou-se de mim e disse-me para eu me preparar para o pior. Era a terrível confirmação das minhas suspeitas e foi, sem dúvida, o momento mais difícil da minha vida. Pedi que a notícia fosse dada com a maior suavidade e sensatez à minha mulher e a médica pediatra coordenadora da Neonatologia assumiu, ela própria, essa responsabilidade. No exterior da sala de partos, estava a avó materna da Teresa. Ela adora crianças (como todas as avós, de resto) e a Teresa era o seu primeiro neto. Não foi nada fácil comunicar-lhe a doença da neta. Ficou visivelmente triste. Todavia, sofreu com uma grande contenção. Não esperava nada por uma notícia destas. Uns momentos depois, ainda sem ter visto a neta, disse-me, sem vacilar, que a Teresa iria ser o seu tesouro. Neste período, os meus pais tinham ido ao estrangeiro. Quando voltaram, não tive coragem de os enfrentar e de lhes falar. Foi o meu irmão mais velho que o fez. Durante uns minutos, a avó paterna chorou, mas, pouco depois, disse-me que a Teresa iria ser a sua neta preferida (na altura, só tinha netas). Nos primeiros meses de vida da Teresa, as avós instalaram-se lá em casa. A avó materna tentava adivinhar quais eram as nossas preferências gastronómicas. Cozinheira exímia, mimou-nos de uma forma extraordinária. As avós não sabiam mais o que nos fazer. Entretanto, começámos a descobrir a Teresa. Até nisto, as avós se conseguiram antecipar. Foram as primeiras pessoas a notar que a Teresa já sorria intencionalmente; que já conseguia segurar a cabeça; que já trocava o olhar, ...(ainda hoje não sei se estas habilidades eram inventadas total ou

parcialmente ou se, de facto, as avós têm capacidades especiais). Por necessidade e por desejo das avós, a Teresa frequentava diariamente as casas delas. Até aos três anos de idade, ficou em casa da avó paterna onde uma terceira avó tomou conta dela (era a velha criada dos meus avós e que me criou a mim e aos meus irmãos). Nos fins de semana, era, naturalmente, reclamada pela avó materna. A Teresa foi extraordinariamente mimada por todos. Era o centro de todas as atenções. Um dia, bastante doente, com uma pneumonia extensa e grave, teve de ser internada no Hospital. As avós ficaram muito tristes e apreensivas. Enquanto durou a fase crítica, mantiveram-se firmes e inabaláveis no átrio da urgência pediátrica, sem quaisquer preocupações pelo frio ou pelo grande desconforto do espaço. No momento da alta, eram as pessoas mais contentes e exuberantes. Quando foi iniciado o Programa de Intervenção, as avós quiseram (exigiram talvez seja a palavra certa) colaborar activamente. Repetiam e repetiam os exercícios diários e, muitas vezes, eram elas que acompanhavam a Teresa às suas consultas com a Psicóloga. Sempre que necessário, a miúda ficava de noite em casa das avós. Pelos três anos de idade, entendeu-se que era conveniente, por diversos motivos, programar o ingresso da Teresa num infantário (regular, obviamente!). Contactei uns quantos infantários. Quando tomavam conhecimento da doença da Teresa (estávamos em 1989), os responsáveis das escolas inventavam mil razões e desculpas para não a aceitarem. Fiquei muito desapontado e desanimado. Era o ruir das minhas expectativas e dos meus ideais. Mal tomou conhecimento deste problema, a avó paterna calcorreou Lisboa inteira à procura de um infantário que aceitasse a Teresa. Deve ter sido muito persuasiva e obstinada. Conseguiu, nesse mesmo dia, arranjar colocação em seis infantários diferentes. Quando a Teresa entrou para um destes infantários, as avós acompanharam minuciosamente o processo de adaptação e de integração. Passados uns tempos, tecendo algumas considerações relativas ao processo de integração escolar, desabafei

com a avó paterna que a Teresa era posta de lado pelos pais dos seus colegas: só muito raramente era convidada para as festas de anos. No dia seguinte, logo de manhã, a avó foi ter com a directora do infantário e revelou-lhe as minhas preocupações. A directora, de imediato, contactou com muitos dos pais e o problema resolveu-se: a Teresa, como uma outra qualquer criança da mesma idade, passou a ir às festas de anos dos colegas. Hoje em dia, sempre que é preciso, como, por exemplo, quando temos de ir a uma reunião no estrangeiro, a Teresa fica em casa de uma das avós. Adora lá ficar. Nos Sábados, ela não prescinde de ir almoçar com a avó materna (que lhe prepara, sempre, uns pratos especiais) e não deixa de mostrar a sua contrariedade se optamos por quebrar a rotina. Talvez seja excessivamente protegida (julgo que é compreensível). Olhando para trás, não tenho dúvidas de que as avós se anteciparam no processo de aceitação da Teresa. Teria sido extremamente difícil lidar com um problema desta dimensão e dificuldade sem uma colaboração tão empenhada das avós. Como não podia deixar de ser, os seus vaticínios concretizaram-se. Gostam de todos os netos de uma forma igual. Mas a Teresa ocupa um lugar muito especial nos seus corações, apesar de uma delas ter optado por se manter em vigilância lá muito longe, no céu.